

mãos do ourives se apagou a jóia falsa e nas do ferreiro apenas teve metal amolgado. Cheguei mesmo a defender as criaturas nascidas de parto tão sofrido que os clientes desprezavam e a lutar contra “Juca Mulato” que nasceu sozinho.

— Digo-lhe que está velho, fora do tempo, superado, recitando estrofes que não se usam. Espectro de um mundo que a velocidade matou, chorando um amor puro que hoje não existe mais. Mostro-lhe que seu cavalo pigarço foi trocado por um jipe, que seus cafezais hoje não se irrigam com o suor do rosto que escorre pelo cabo da enxada mas através das regadeiras impostas racionalmente pela técnica mecânico-química das Agrobras.

É inútil. Ele grita, — e através também de vós neste momento, — que a fazenda ainda existe, que a paisagem em que ele viveu ainda está em nós, paulistas, presente e integra numa faixa de eternidade que é a da memória do tempo, e que eu é quem deve ser eliminado do seu mundo que ele resuscita intemporal e vivo.

Aí está o problema. Aí está meu drama. Sou pirandelelescamente, um autor perseguido por um personagem que em vão tento matar, mas que me mata, com uma vivência que não é mais minha, mas que ele impôs como sendo a razão da minha própria vivência literária.

Sopesai o peso da cruz que me crucifica. O próprio Cassiano Ricardo — um dos maiores poetas da contemporaneidade — tenta aliar-se a mim nessa luta, pedindo ao “Juca Mulato” que deixe livre o resto da minha criação literária que me vem custando tanto amor e tanta pena. Quer o poeta de “Jeremias sem chorar” salvar à absorvente paixão desse caboclo do mato, as criaturas que nasceram do meu estro e circulam nas elegias modernas de “O Deus sem rosto”. Essas se movem numa paisagem dantesca — o dia atômico do hoje apocalíptico — antípoda do paraíso agreste e romântico onde ele se apaixonou pelo olhar da Filha da Patroa. É justo, pois, que me repudie, tente me aniquilar ou absorver — anjo rebelde expulso que sou de uma ordem e de uma paz paradisiacas, talvez perdidas para sempre.

É que hoje o homem cresce, perde a infância e faz-se monstro de si mesmo. O mal deste crepúsculo de século é que todos aceleramos demasiadamente a vida, envelhecemos em horas, ficamos decrepitos em dias e carregamos almas exaustas para um universo em pânico. Nossa única esperança é o desesperado desespero de ver raiar uma nova aurora...

A evocação dessa chama cósmica talvez possa me explicar essa teimosa sobrevivência do “Juca Mulato”. Não será ele um inconsciente anseio das massas? Talvez uma recalçada saudade coletiva?

Sonho que é — toda poesia é sonho — talvez nos faça viver, dentro do cárcere de cimento armado da cidade moderna, a alma de uma agreste paisagem povoada de antigos numes familiares: sapos nos açudes, curiangos no crepúsculo, mugidos de bois nos curraes, relinchos de poldros nos piquetes... Depois, evocados por um choro de viola, envolvendo tudo numa atmosfera de melancolia e de sonho, uns olhos de mulher — da mulher inatingível — espalhando a magia de um amor tão puro como não há mais igual na face da terra.

*

Si o poema serve para nos dar essa ilusão e esse consolo, eu também direi: bendito seja o “Juca Mulato”.

AUTOCRÍTICA

O poeta deve construir a sua obra sem olhar para o tempo, marcando a sua personalidade. Menotti afirmou certa vez: “um poeta é como uma planta: floresce. Ninguém deve perguntar a uma rosa com quem ela aprendeu a ser rosa”. Conquistou o público brasileiro com o poema “Juca Mulato” e partiu para novos empreendimentos e conquistou novos rumos:

“Estou de novo em São Paulo. Jornalista: *Correio Paulistano* e *A Gazeta*. Com um sócio, monto uma fábrica de relógios. Nela vem me visitar Blaise Cendrars — procura em mim o poeta e depara com um relojoeiro. Blaise, o glorioso escritor e poeta, era

doutor em relógios. Mais de hora dissertou sobre mostradores, molas, ponteiros, rubis... É nessa fábrica que Rocha Fragoso, diretor do "Jornal do Brasil" (1921) me procurou para contratar um romance inédito que a tradicional folha do Rio publicaria em folhetim. De geração velha, para escrever outro, fora escolhido Coelho Neto. Da nova, eu. Vendi-lhe o *Dente de Ouro* — necessitado que eu andava de dinheiro — como quem vende a pele de um urso que ainda não caçou. Na hora da transação, nem na cabeça eu tinha esse romance... mas saiu. Finalidade: compensação aos leitores para justificar o preço de duzentos réis para o qual passaria aquela folha que, até então, custava apenas um tostão... Belos tempos, não?"

O GOSTO DA POLÍTICA

Exerceu atividade política desde a juventude. Duas vezes deputado estadual e três federal, participou das revoluções: 1924, 1930, 1932 e assistiu a deposição dos presidentes Getúlio Vargas, Carlos Luz, Café Filho e Jânio Quadros. Ofereceu significativo painel de seu dia como político e homem de letras, vivendo com entusiasmo política e literatura ao declarar a João Condé a sua quinta feira no Rio (1957):

SETE E MEIA — Levanto com a alma e o estômago de acordo com o que se passou na quarta que foi e será em linha geral, idêntica à quinta.

Telefonema político. Telefonema literário. Telefonema pessoal, nem político, nem literário.

OITO HORAS — Banho. Café. Frutas.

OITO E MEIA — Mesa de trabalho. Crônicas. Artigo para jornal. Entrevista. Depois: leitura da correspondência. Notas ou parecer sobre algum projeto. Revisão de provas de reedição. (Doze volumes em andamento no prelo). Preparação de discurso ou conferência.

DEZ E MEIA — Presença na Assembléia Técnica da Bancada Paulista, avenida Graça Aranha, 182, da qual sou secretário. Estudo e discussão de projetos e de assuntos políticos e administrativos.

DOZE E MEIA — Almoço em restaurante (como se come mal e caro no Rio!) quando não me deleito na mesa, na prosa e no carinho de Cassiano Ricardo e D. Candoca ou Mota Filho e D. Elza. São esses dois anjos, Elza e Candoca, que me reconciliam com o jucumulatíssimo arroz e feijão domésticos.

UMA HORA ÀS DUAS — Descanso. Leitura. Silêncio.

DUAS HORAS — Marcha cívica para a Câmara. Expediente, nos corredores, do quotidiano político: cartas, solicitações, conhecimento de casos locais, soluções, o mundo aflito e tão humano das necessidades, das esperanças e das frustrações...

TRÊS HORAS — Comissão de Diplomacia. O Brasil e seus nexos com o mundo. Brilhantes pareceres e exposições de deputados: teleguiados, “petróleo é nosso”, amizades internacionais, agitação subterrânea de imperialismos, esforço para se compreender melhor o mundo, confraternizar povos, unificar no mesmo amor a humanidade tão cabeçuda e inquieta.

QUATRO E MEIA — Plenário. O Brasil é a terra de oradores. As palavras sobre nossas realidades. Eu, poeta, sou tremendamente realista e tenho fobia pela eloquência... Há, porém, grandes momentos que mantêm à altura do passado o instante democrático daquela casa do povo.

CINCO HORAS — Sessão da Academia Brasileira de Letras. Fale-se quanto se quiser mal dessa Casa do Espírito mas, queiram ou não queiram, é ela um altíssimo centro de cultura onde se fundem, numa linha de justo equilíbrio, a sofrida prudência que mantêm a constância do culto aos valores permanentes, à perquirição revisora dos filonistas revolucionários. Que grandes oradores os brasileiros! Até minúcias de economia banal ganham grandiloquência e graça. Ali se envelhece em equipes, num clima de neutra intemporalidade, numa antecipação terrestre da beatitude olímpica. “Não podemos brigar” — adverte Pedro Calmon —

“porque nossa imortalidade regimental nos condena à amizade perpétua”. As tempestades ali morrem no copo d’água.

NOVE HORAS — Jantar. Cinema. Teatro ou palestra em casas amigas. Não bebo. Não fumo. Não jogo. Sou um condenado a virtudes banais. De toda essa rotina fujo através do livro. Leio sempre que posso.

Esse, em linhas gerais, meu dia carioca. Meus dias paulistas (sábados, domingos, segundas), são diferentes. Ali junto música e o Cincinato imanente que há em mim que adora o chão da minha chácara de Sorocaba onde cultivo laranjas, e sonhos...”

*

Eis o perfil traçado de um dia do poeta, escritor, político, homem público preocupado com o dia a dia. Nada mudou em seus hábitos, apesar de abandonar a política e preocupar-se com literatura. Já não comparece com frequência ao chá da Academia Brasileira de Letras, dedicando todo o seu tempo na elaboração das memórias. Passa os dias na casa colonial da Av. Brasil, recebendo os amigos, com encontros marcados no cartório de seu filho Fulvio, na Libero Badaró, ao lado do velho prédio que outrora abrigou o “Correio Paulistano”. Menotti del Picchia parece obedecer a voz mística do seu personagem, agora ao completar oitenta anos de idade, a voz do vento:

““Juca Mulato” é o dono de minha obra. Ele vive me advertindo: fique quieto, aí no seu canto, porque eu é que sou importante”.

O poema ficou impossível e hoje ultrapassa a barreira de meio milhão de exemplares, para mais de trinta e cinco edições. Falar de Menotti del Picchia é falar de uma época, de um período de ouro da literatura brasileira. Ouçamos o depoimento de Jorge Amado, sintetizando nas palavras o entusiasmo a empolgar o amante da literatura brasileira:

“Creio que um escritor não pode desejar maior compensação e melhor alegria do que chegar a ser tão amado pelo seu povo

como acontece com Menotti. Quem não sabe nesse imenso país um verso de "Juca Mulato", de "Máscaras"? Quem não se emocionou com seus poemas, romances, contos, crônicas?"

Menotti del Picchia exerceu múltiplas atividades, presidiu entidades de classe, encabeçou movimentos culturais de relevo. Membro da Academia Brasileira de Letras, ocupa a cadeira 28, a qual tem como patrono Manuel de Almeida, fundador Inglês de Sousa e primeiro ocupante Xavier Marques. Menotti del Picchia foi eleito em 1.º de abril de 1943 e tomou posse a 20 de dezembro de 1943, sendo recebido pelo acadêmico Cassiano Ricardo.

LIVROS PUBLICADOS

POESIA — “Poemas do vício e da virtude” (1913), “Moisés” (1917) “Juca Mulato” (1917), “Máscaras”, “Angústia de D. João”, “Amores de Dulcinéia”, “Poemas do amor”, “República dos Estados Unidos do Brasil”, “Chuva de Pedra”, “Jesus — tragédia sacra”, “Poesias” (seleção de poesias), Obras completas (reunidas na coleção de 13 volumes), “O Deus sem rosto”.

ROMANCES — “Flama e argila”, “Lais”, “Dente de Ouro”, “O Homem e a morte”, “A Tormenta”, “A República 3.000” (ou “A Filha do Inca” a partir da 5.^a edição), “Kalum — o mistério do sertão”, “Cummunká”, e “Salomé”.

CONTOS E NOVELAS — “A mulher que pecou”, “O Crime daquela noite”, “Toda nua”, “A outra perna do sacy” e “O despertar de São Paulo”.

ENSAIOS E MONOGRAFIAS — “A crise da democracia”, “Soluções Nacionais”, “Pelo divórcio”, “A revolução paulista”, “Ensaio da exposição do pensamento bandeirante”, “Por amor do Brasil”, “O governo Júlio Prestes e o Ensino Primário”, “O curupira e o carão”, “O Momento literário brasileiro”, “Discurso na Academia Paulista de Letras”, “Sob o signo de Polymnia”.

CRÔNICAS — “Pão de Moloch” e “O Nariz de Cleópatra”.

TEATRO — “Suprema Conquista” e “Jesus”, encenadas no Teatro Municipal de São Paulo, “Máscaras”, no Teatro Sant’Anna” e “A Fronteira”, no Teatro Serrador.

LITERATURA INFANTIL — “Viagens de pé de moleque e João Peralta”, “Pé de moleque e João Peralta no país das formigas”.

MEMÓRIAS — “A longa Viagem”.

As obras de Menotti del Picchia estão traduzidas para vários idiomas: espanhol, italiano, alemão, árabe, francês e polonês.

Em 1969 foi consagrado com o troféu “Juca Pato”, outorgado pela União Brasileira de Escritores, de São Paulo, recebendo o laurel das mãos do romancista Jorge Amado, numa grande solenidade.

FONTES PARA ESTUDO:

- Alceu Amoroso Lima — “Primeiros estudos” — Editora Agir — Rio, 1948.
- Austregésilo de Athaide — “Tema à margem de Menotti” — “O Cruzeiro” — Rio — 5 de dezembro de 1959.
- Brito Broca — “O Jubileu de Menotti” — “A Gazeta” — 7-XI-1959.
- Cassiano Ricardo — “Menotti del Picchia e a moderna literatura brasileira” — “O Estado de São Paulo” — 28 a 31 de dezembro de 1943.
- Helena Silveira — Entrevista com Menotti — Diário de São Paulo — 20 de outubro de 1959.
- Henrique L. Alves — “Juca Mulato e a genese do modernismo” — Revista da Academia Paulista de Letras — 1969. “Menotti em face do modernismo”, Boletim Bibliográfico da Biblioteca Municipal “Mário de Andrade”, n.º 29 — 1971.
- Humberto de Campos — “Crítica” — volume III — José Olímpio Editora — 1935.
- Jacomo Mandato — “Relíquias da Terra Natal” — Edição do autor — 1959. Tem vários trabalhos publicados no jornal “Folha de Itapira” e oportunamente publicará em livro. “Bibliografia de Menotti del Picchia” in “Diário do Povo” — Campinas — 12 e 28 de janeiro e 2 e 23 de fevereiro de 1964.
- João Condé — “As 24 horas na vida do poeta” — “O Cruzeiro”.
- Jorge Azevedo — “Meus heróis” — “Letras da Província” — Limeira — S. Paulo — número 149.
- Jorge Medauar — “Juca Mulato e Negra Fulô” — revista “Leitura” — outubro de 1959.
- José Lins do Rêgo — “Gordos e Magros” — Editora Casa do Estudante do Brasil — Rio — 1942.
- José Tavares de Miranda — “Nossos escritores” — Folha da Manhã — 1953.

Judas Isgorogota — Rodolfo Paladini, o primeiro editor de “Juca Mulato” — “A Gazeta” — 2-5-1958.

Júlio Dantas — Prefácio ao poema “Juca Mulato”, a partir da 2.^a edição.

Lourdes Bernardes — “Menotti, o homem plural da literatura brasileira” — Jornal de Letras — agosto de 1963.

Mário da Silva Brito — História do modernismo brasileiro — Edições Saraiva — 1958.

Mário de Andrade — “O empalhador de passarinhos” — Liv. Martins — 1955.

Mário de Andrade — “Cartas a Manuel Bandeira” — Organização Simões — Rio — 1958.

Mário Donato — “Introdução às obras completas de Menotti del Picchia” — Martins Editora — 1956.

Nestor Vitor — “Os de hoje” — Editora Cultura Moderna — S. Paulo — 1938.

Osmar Pimentel — “Menotti, novelista” — Folha da Manhã — S. Paulo — 9 de setembro de 1971.

Oswald de Andrade — “O Modernismo” — revista Anhembi — dezembro de 1954.

Paulo Bomfim — “Menotti del Picchia” — Diário de São Paulo — 1959.

Pedro Bloch — Menotti del Picchia — revista “Manchete” — n.º 656, 14 de novembro de 1964.

Peregrino Junior — “Três estudos” — Livraria São José — Rio.

Péricles Eugênio da Silva Ramos — “Poesias de Menotti” — Folha da Manhã — 11 de maio de 1958.

Santos Moraes — “Ferreira e Menotti” — revista Leitura — Rio — outubro de 1959.

Sérgio Milliet — “Dados para uma história da poesia modernista — revista Anhembi — dezembro de 1950.

Silveira Peixoto — “Os sete instrumentos de Menotti” in “Falamos os escritores” — Editora Cultura Brasileira — 1940.

Wilson Martins — “A literatura brasileira — o modernismo” — Editora Cultrix — 1964.

COLEÇÃO ENSAIOS

- 1 — O PRETO NO BRANCO — Exegese de um poema de Manuel Bandeira — por Lêdo Ivo. Volume de 90 páginas, brochado.
- 2 — INGLATERRA — Notas breves e considerações à margem — por Castilhos Coycochêa. — Volume de 90 páginas, brochado.
- 3 — ESFINGE CLARA — Palavra puxa-palavra em Carlos Drummond de Andrade — por Othon Moacyr Garcia. Volume de 80 páginas, brochado.
- 4 — LE BATEAU IVRE — Análise e interpretação — por Augusto Meyer. Volume de 95 páginas, brochado.
- 5 — ARTHUR AZEVEDO E A ARTE DO CONTO — por Josué Montello. Volume de 70 páginas, brochado.
- 6 — TEORIA DA METÁFORA & RENASCENÇA DA POESIA AMERICANA — de Oswaldino Marques. Volume de 107 páginas.
- 7 — ESCOLA DE TRADUTORES — de Paulo Rónai. Volume de 90 páginas.
- 8 — CAPISTRANO DE ABREU E A SÍNTESE HISTÓRICA — por E. de Castro Rebello, brochado.
- 9 — ROTEIRO DE ADOLFO CAMINHA — de Saboia Ribeiro. Volume de 90 páginas, brochado.
- 10 — ALBERTO DE OLIVEIRA — 1857-1957 — por Phocion Serpa. — Volume de 200 páginas, impresso em ótimo papel.
- 11 — CAMÕES, O BRUXO, e Outros Ensaio — por Augusto Meyer. Volume de 120 páginas.
- 12 — CONSELHOS A REGENTE — por D. Pedro II. Introdução e notas de João Camilo de Oliveira Tôrres. — Volume de 80 páginas.
- 13 — CONVERSÃO DO GENTIO — de Mecenas Dourado. Tese de concurso para a Cadeira de História do Colégio Pedro II. — Volume de 212 páginas.
- 14 — O TEMPO NO ROMANCE MACHADIANO — de Dirce Côrtes Riedel. — Volume 230 páginas.
- 15 — LUZ E FOGO NO LIRISMO DE GONÇALVES DIAS — por Othon Moacyr Garcia — Volume de 102 páginas.
- 16 — O MUNDO QUE JOSÉ LINS DO REGO FINGIU — por João Pacheco. — Volume de 100 páginas.
- 17 — JORGE DE LIMA — Roteiro de Uma Contradição. — de Antônio Rangel Bandeira. — Vol. de 140 páginas, brochado.
- 18 — EVOCAÇÃO DE B. LOPES — Mello Nóbrega — Volume de 100 páginas.
- 19 — DOIS RETRATOS DE MANUEL BANDEIRA — por Ribeiro Couto. — Volume de 90 páginas.
- 20 — MACHADO DE ASSIS NA LITERATURA BRASILEIRA — por Afrânio Coutinho. — Volume de 110 páginas.

LIVRARIA SÃO JOSÉ

RIO DE JANEIRO



Com o chapéu de palha nos joelhos, vemos o poeta Menotti Del Picchia, na época em que, fazendeiro em Itabira, escreveu o seu famoso livro "Juca Mulato". Ao lado do poeta se vê também Ibraim Nobre, um dos grandes líderes da Revolução Paulista de 32. A foto foi feita no Jardim da Luz, em S. Paulo.